

O Mar no Futuro de Portugal. O Hypercluster da Economia do Mar

José Poças Esteves

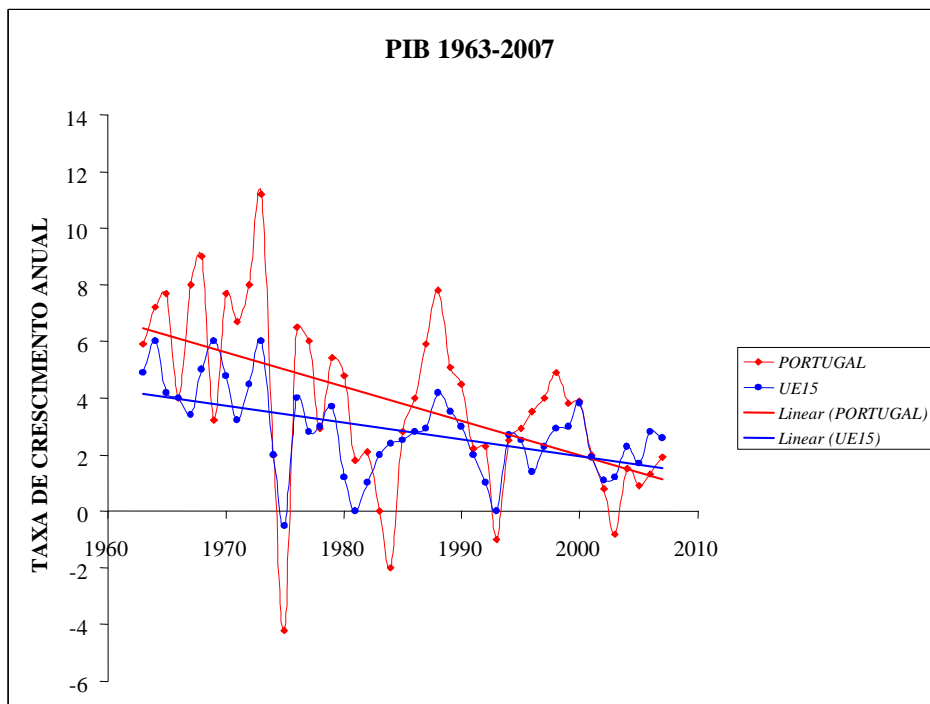
A Realidade da Economia Portuguesa

A Economia Portuguesa vive uma realidade de definhamento e de descontinuidade. Não é uma situação que tenha acontecido agora, mas um resultado das políticas e das acções de todos nós portugueses, nas últimas décadas e que se acelerou sobretudo nesta primeira década do Século XXI.

A situação e as tendências eram conhecidas, mas não foram assumidas e, muito menos, se tomaram as decisões colectivas que se impunham.

O gráfico seguinte é claro quanto à evolução da taxa de crescimento anual do PIB português nas últimas quatro décadas e, deliberadamente, é apresentado só até 2007, antes, portanto, da crise financeira internacional. Como se pode constatar, a falta de crescimento da Economia Portuguesa foi o “pai” de todos problemas. O país não conseguiu criar as condições para o crescimento. Este facto, aliado aos gastos excessivos, consequência do modelo social e das políticas económicas erradas, levou a um “ciclo negro” que só podia terminar numa ruptura. O problema, por isso, vem de antes. A crise financeira internacional, iniciada em 2008, fica demonstrado, só veio agravar, ainda mais, a situação estrutural já existente.

A Evolução da Economia Portuguesa



Fonte: SaeR

No entanto, a sociedade portuguesa tem demonstrado, nos momentos de crise, uma resiliência invulgar. Foi assim em momentos importantes da nossa história, antiga e recente: em momentos de grande pressão, tem conseguido encontrar, rapidamente, novos caminhos e desígnios nacionais. Estamos num desses momentos e esperamos que essa nossa característica mais uma vez se revele.

Em 2000, a SaeR, num estudo que teve a coordenação do já saudoso Prof. Ernâni Lopes, apresentou os “Cenários Prospectivos da Economia Portuguesa para o I Quartel do Séc. XXI”. Nesse estudo ficaram claramente identificados dois cenários contrastantes:

- o cenário espontâneo, de continuidade das políticas que vinham a ser seguidas, que foi intitulado de “Cenário de Definhamento” (infelizmente, acabou por acontecer!), e
- um “Cenário de Afirmção”, que obrigaria a mudança e à identificação de novos padrões de modernização, de novos factores de competitividade e de novos domínios com potencial estratégico para a Economia Portuguesa.

Foram apontados alguns desses domínios com potencial de desenvolvimento. A Economia do Mar e as actividades relacionadas com o Mar configuravam-se como um desses novos domínios estratégicos mais importantes.

Essa necessidade de mudança, como referido, não foi assumida e resolvida pelas elites dirigentes da altura e anos seguintes. Há, agora, que ir mais fundo nos reajustamentos necessários e trabalhar mais depressa e bem. Para isso, há grandes questões que têm de ser resolvidas, nomeadamente:

- alterar a “lógica de distribuição” para uma “lógica de produção”, isto é: todos nós portugueses, desde governantes, administração central, autarcas, empresas, famílias e indivíduos, vivemos, nas últimas décadas, mais interessados em como distribuíamos o dinheiro que havia e menos interessados em como produzíamos e gerávamos riqueza; esquecemo-nos que antes de distribuir tem de haver produção de riqueza; gastámos mais que as nossas capacidades de gerar receita;
- a consequência natural foi o endividamento, já que não houve capacidade para criar as condições para o aumento da produção e o crescimento; há agora que, para além da austeridade necessária, encontrar, os novos recursos, os novos activos e os novos modelos de desenvolvimento que possam suportar o factor determinante do nosso crescimento;
- temos vindo a preocupar-nos com os nossos problemas de produtividade e de competitividade, mas, para além disso e para criar as condições de crescimento, temos que identificar, como referido, os recursos e activos estratégicos com maior capacidade de atracção e transacção no exterior, com maior capacidade competitiva, no novo quadro global, e com maior valor acrescentado para a nossa economia; os factores de produtividade e de competitividade são determinantes, mas quando aplicados sobre recursos com elevado potencial e alto valor acrescentado.

É neste contexto que o Mar e a Economia do Mar se revelam fundamentais para mudar o paradigma de desenvolvimento da Economia Portuguesa.

Portugal e o Mar

Portugal fez-se com e pelo Mar. Com a revolução de 1383 e a governação de D. João I e os seus infantes, com as fronteiras terrestres definidas e a afirmação feita de independência face a Castela, o Mar constituiu-se como o grande conceito estratégico nacional na altura e D. Henrique, Infante de Sagres, o Descobridor, foi o grande impulsionador deste novo conceito. São 600 anos de uma história de 900 anos.

Com a revolução de 1974, o conceito estratégico mudou e Portugal virou-se para a Europa, esquecendo o Mar.

Há, agora, para além da Europa, que voltar a (re)pensar Portugal e o Mar. Vejamos porquê.

“Portugal sem Mar” e “Portugal com Mar”: constituem paradigmas e conceitos estratégicos completamente diferentes. “Portugal sem Mar” é um país pequeno e periférico, sem grande papel relevante no quadro das relações económicas e, portanto, também políticas internacionais. “Portugal com Mar” é um país central, com uma posição geoestratégica no centro do Atlântico, onde os grandes fluxos económicos continuam a acontecer; tem um território marítimo 18 vezes superior ao território terrestre; com a actual Zona Económica Exclusiva, Portugal é um dos maiores países da Europa e está, seguramente, dentro dos maiores 15 países do mundo; com o processo de extensão da Plataforma Continental, Portugal é “um país a caminho dos 4 milhões de Km²” (Estrutura de Missão para a Extensão da Plataforma Continental/ M.Pinto de Abreu). Portugal é, assim, um país central e um dos maiores países do mundo. É este novo conceito estratégico que temos que assumir.

A acrescentar, o Mar e os Oceanos constituem, no Século XXI, um activo estratégico ainda com maior potencial e maior valor acrescentado, face aos Séculos passados. As grandes actividades tradicionais como os transportes, com a globalização competitiva e as movimentações de cargas entre diferentes partes do globo, e as pescas, com as novas técnicas de aquacultura, assumem uma importância acrescida e fundamental na nova economia. Por outro lado, as superfícies do Mar e dos Oceanos estão a ser usadas e pensadas para novas actividades como as novas energias, a diversificação da náutica de recreio, os desportos náuticos, etc..

O fundo do Mar é, no entanto, o grande activo por explorar. Os materiais diversos existentes no fundo do Mar constituem os materiais e as matérias primas para as indústrias do futuro. São materiais e fontes energéticas (fósseis e renováveis), materiais ricos (ouro, prata, cobre, zinco, etc.), enzimas, organismos biológicos e outros com enorme diversidade, essenciais para a genética e as biotecnologias do futuro (a já denominada Biotecnologia Azul), servindo indústrias como as das ciências da vida, a farmacêutica, a cosmética, etc., isto é, um “Mar de Oportunidades”!

A globalização competitiva e as novas formas de organização económica estão a desenvolver novos fluxos e novos modelos económicos, com novos agentes, novos poderes, novas formas de fazer negócio e novos modelos empresariais. Ganhará quem tiver o domínio dos novos activos estratégicos e da Informação e Conhecimento sobre esses novos activos, novos domínios e novos fluxos económicos. O Mar é um desses novos domínios e activos estratégicos. Portugal tem uma oportunidade histórica de se posicionar na linha da frente desta nova economia.

O *Hypercluster* da Economia do Mar

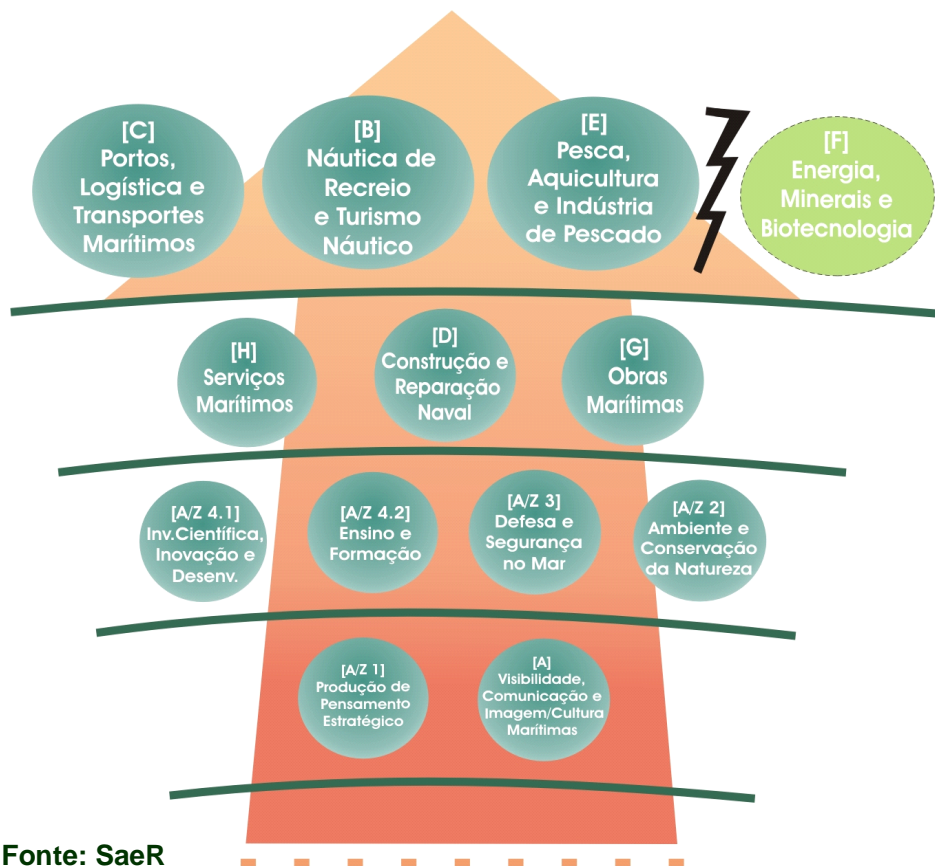
O valor económico das actividades ligadas ao mar representa, actualmente, um valor ainda muito reduzido do PIB e do Emprego nacionais (2% e 75 mil pessoas, respectivamente, em termos directos), embora nestes números esteja excluído o segmento de turismo vulgarmente denominado de “turismo de costa”, que constitui uma importante fatia do PIB e Emprego nacionais. Os efeitos totais, directos e indirectos, da contribuição da Economia do Mar (sem o Turismo em geral, mas incluindo o Turismo Náutico) para o PIB nacional são de cerca de 5,5%. De facto, um valor muito baixo para o potencial que pode representar, sobretudo quando comparado com países como a Dinamarca, a Holanda ou mesmo a Bélgica ou Espanha.

Portugal desenhou uma Estratégia para os Oceanos em 1997/98, a quando da EXPO 98, que não teve consequências relevantes na altura. Em 2008 foi realizado o estudo “O *Hypercluster* da Economia do Mar – Um Domínio de Potencial Estratégico para o Desenvolvimento da Economia Portuguesa”, patrocinado por cerca de quinze empresas nacionais, sob a coordenação da ACL – Associação Comercial de Lisboa. O estudo foi realizado pela SaeR, sob a coordenação do Prof. Ernâni Lopes e vice-coordenação do autor deste texto e demonstrou que grande parte das actividades relacionadas com o Mar em Portugal, quando consideradas de uma forma holística e não fragmentária, de forma complementar e sinérgica, apresentavam uma característica de forte efeito multiplicador em outras actividades e no emprego, constituindo-se, assim, como fortes geradores de valor acrescentado, fortes captadores de investimento e fortes geradores de desenvolvimento para a economia portuguesa, no quadro que se pretende da competição global. Quando organizados sob a forma de um *hypercluster* (*cluster* de *clusters*) poderiam ter uma dinâmica de motor e organizador da transformação necessária em todas essas actividades e na economia portuguesa, em geral.

Após uma avaliação das condições de atracção, de geração de riqueza e das condições competitivas de cada um dos sectores componentes do *hypercluster*, o estudo propõe uma estruturação e organização sistémica do conjunto, em que cada componente tem o seu papel, no quadro de optimização do efeito conjunto, potenciando os efeitos de geração de cadeias de valor e eliminação de *leakage*, isto é, valor gerado mas não retido, para a economia portuguesa.

Essa proposta de visão de conjunto é apresentada no Gráfico seguinte, revelando o papel que cada componente deve representar no conjunto do *hypercluster*.

Hypercluster da Economia do Mar: Visão de Conjunto



Na linha da frente são apresentados os quatro *clusters* com maior potencial de atractividade e competitividade e, por isso, os grandes motores de todas as actividades; nas linhas abaixo são apresentados os posicionamentos dos componentes com um papel de suporte e optimização, de regeneração e inovação e os enquadreadores e geradores de consistência do conjunto. Os planos de acção e as medidas propostas pelo estudo tomaram em consideração o papel sistémico de cada um destes diversos *clusters*.

O estudo apresenta um grande objectivo e uma visão estratégica:

“tornar Portugal, na viragem do 1º para o 2º Quartel do séc. XXI, num actor marítimo relevante, ao nível global”.

Para a concretização desta visão, são propostos dois objectivos estratégicos:

- a dinâmica do *Hypercluster da Economia do Mar* conseguir constituir-se, ao longo do 1º Quartel do séc. XXI, num domínio estratégico impulsionador do Desenvolvimento Económico e Social de Portugal e

- Portugal, no mesmo horizonte temporal, colocar-se como interlocutor credível, porque efectivo e inovador, na economia global do Mar.

Como forma de concretização destes objectivos, o estudo propõe um *Master Plan* de acções, distribuídas por quatro plataformas diferentes de planos, para os 12 componentes considerados, nomeadamente:

- Planos Prioritários, englobando as actividades com maiores condições de atractividade e competitividade e capacidades para servirem de motores, catalizadores e configuradores de todo o conjunto; são essas, as actividades, organizadas em cadeias de valor de:

- Portos, Logística e Transportes Marítimos;
- Náutica de Recreio e Turismo Náutico;
- Pesca, Aquicultura e Indústria de Pescado;
- Visibilidade, Comunicação e Imagem/Culturas Marítimas;
- Produção de Pensamento Estratégico.

Pela importância do seu impacto potencial deve ainda incluir-se neste grupo:

- Energia, Minerais e Biotecnologia.

- Planos de Sustentação Imediata, englobando os componentes fundamentais para a optimização do bom desempenho da “linha da frente”:

- Serviços Marítimos;
- Construção e Reparação Navais;
- Obras Marítimas.

- Planos de Alimentação/Regeneração, englobando os componentes criadores de consistência e sustentabilidade a longo prazo, com um papel regenerador e inovador do conjunto:

- Investigação Científica, Inovação e Desenvolvimento;
- Ensino e Formação;
- Defesa e Segurança no Mar;
- Ambiente e Conservação da Natureza.

- Plano Horizonte Mais/Meta-Oceano, com carácter prospectivo, de longo prazo e de criação das condições de continuidade e consistência da visão e de alinhamento e controlo de todos os planos parcelares.

A concretização deste *Master Plan* e dos consequentes planos detalhados de acções, só será possível se, em conjunto, tiverem lugar um duplo conjunto de iniciativas, a implementar em paralelo, por forma a garantirem:

- estruturação da actuação empresarial conjunta;
- enquadramento e facilitação macropolítica e de acção governamental.

Para isso, são propostas três medidas consideradas determinantes no caminho crítico para o sucesso da implementação do *hypercluster*:

- a constituição de um Fórum Empresarial para a Economia do Mar, englobando os principais actores, comprometidos e interessados nas diferentes actividades no *hypercluster*, dinamizado pela acção inicial da Associação Comercial de Lisboa; este fórum já está em funcionamento há cerca de um ano e tem, actualmente, já cerca de 70 associados;
- o reforço do poder político do Mar, com a constituição, por exemplo de um Conselho de Ministros Exclusivo para os Assuntos do Mar, presidido pelo Primeiro Ministro e com um Gabinete Técnico de Apoio, por forma a garantir a importância e o peso político das iniciativas; este Conselho encontra-se constituído e reuniu apenas uma vez;
- a criação de Legislação Especial e Exclusiva, à semelhança de outras circunstâncias (p.e., Expo 98) em que também esteve presente um desígnio nacional; esta necessidade não foi ainda assumida.

Reflexões Finais

A concretização da estratégia, planos e acções propostos no estudo permitirá que o conjunto de actividades incluídas no perímetro definido pelo *Hypercluster* da Economia do Mar em Portugal venha a representar no final do 1º.Quartel do séc. XXI, directamente, cerca de 4 a 5% do PIB e, no conjunto englobando os efeitos indirectos, cerca de 10 a 12% do PIB português, isto é, pelo menos duplicando o peso actual na economia portuguesa. São objectivos atingíveis, dado o ponto de partida baixo e o potencial que o estudo revelou.

O grande factor diferenciador e inovador do conceito e da abordagem, que faz a diferença face aos erros do passado, é a visão holística e não fragmentária do *hypercluster*: “o todo é necessário; o tudo é impossível”, como foi magistralmente apresentado por Ernâni Lopes. Só com esta abordagem holística se conseguem os factores dimensionador, catalisador e organizador que permitirão sucesso do conceito e da sua concretização.

Com estas medidas, o país ainda vai a tempo de recuperar grande parte da anterior vocação atlântica e do seu *know how* nas matérias e ciências do Mar, que possuiu e ainda possui, vindas do passado.

Temos de deixar de falar de “o Mar na História de Portugal” e passar a falar, mais e mais, em “o Mar no Futuro de Portugal”.

Por fim, Portugal e os portugueses ainda são reconhecidos internacionalmente pelo Mar. Se há um factor diferenciador, internacionalmente, e identitário, internamente, esse factor é o Mar.

A necessidade está identificada. os estudos estão feitos. É preciso agora fazer. Fazer depressa e bem: e isso só depende de nós, Portugueses!